

20 JUL 1987

# Despoluição prioritária

D.F. Lago Paranoá

O exemplo tem de partir de cima, a lição começa em casa: tanto se passou a falar também em ecologia no Brasil, que já é tempo de se darem alguns passos fundamentais aqui. E claro que há prioridades maiores que a despoluição do lago de Brasília, mas se deve fazer algo simbólico nacionalmente, não só de urgência local, capaz de significar outro passo importante. Deve-se uma fidelidade sagrada aos pioneiros daqui.

Todo mundo reclama contra este lago Paranoá. Quase as pessoas se esquecem de que sem ele a própria cidade seria impossível. Brasília tem notoriamente um dos climas mais secos do mundo, embora com temperaturas amenas. Mas cansa o mau cheiro que dali exala e os miasmas por ele espalhados. Enquanto isso as discussões se arrastam, anos a fio, entra mês e sai mês, pouco se fazendo de concreto, apesar dos clamores da população refletidos na imprensa. Agora mesmo são os empresários que se associam ao protesto. Desde que se vive numa economia de mercado, sua adesão logo se destaca.

Foram empresários da construção civil os que procuraram o presidente da Caesb para discutir a questão da despoluição do lago. Lembraram de saída o desastre ecológico de 1978. Recordaram o atraso na obra, após oito anos de estudo e quatro de definição do projeto. Cumpre tomar uma decisão para valer. A deterioração do Paranoá retarda a construção civil ao seu redor e abala a própria

reputação da capital federal brasileira até nos foruns internacionais. Trata-se de um escândalo, isto sim, digno de insistentes reclamações públicas. E ninguém venha alegar dificuldade financeira para a despoluição. Se o País for incapaz de dispor de recursos para sua própria capital, que será dele? Além do mais, existem possibilidades materiais várias para realização da obra. Os empresários, com seu senso prático, mostraram-no claramente. Não vê, quem não quiser. Agora mesmo está ameaçada de expirar a oferta de empréstimo, para este fim, pelo Banco Mundial. As providências vão indo devagar, certamente também por conta dos entraves burocráticos. Cumpre tomar a decisão política e executá-la. O prazo é de cinco anos. As condições invejáveis. Por que não se anda logo para frente, sem mais esperas? O problema urge uma solução.

Outra ameaça desponta no horizonte: entre três e seis anos o Paranoá poderá estar irreversivelmente morto. Já se parou para pensar nas consequências? O cheiro da podridão poderá invadir toda a cidade. Pobre de quem tiver investimentos às suas margens. O prejuízo será considerável e a repercussão, inclusive internacional, ainda pior. Se o País não conseguir dar uma solução para o lago, imagine-se ao resto, é o que dirão os derrotistas de sempre.

Apresenta-se tão incrível essa possibilidade que melhor não pen-

sar nela. Sairão feridos os próprios brios nacionais.

Ora, despoluição de rio há muito que deixou de ser problema, mundo afora. Nada menos que o Tâmesa, recebendo as descargas da Grande Londres com milhões de habitantes, foi despoluído, a ponto de nele se voltar a pescar. Estações de tratamento não significam novidade tecnológica. O Brasil fez coisas muito maiores e prossegue realizando-as. Se há equívocos nos projetos técnicos, não passam de pormenores indígnos de obstruírem a marcha das decisões. A despoluição do lago tem de ser prioritária. Em seguida, que se conclua as pesquisas e execute-se a obra. Nada mais, porém nada menos. Chega de tanta demora.

Além de tudo sabe-se, porque só pode ser evidente, que existe uma preocupação do Governo do Distrito Federal em favor de uma rápida solução. O que fica então faltando? Os obstáculos burocráticos precisam ser removidos. E o quanto antes.

Já se disse e repita-se: a despoluição do Paranoá imortaliza uma administração. Cumpre salvar o que se fez, é uma das dívidas fundamentais para com os candangos, construtores de Brasília. Seu sonho, sonho de Juscelino Kubitschek e do País inteiro, merece sobreviver. Principalmente quando levado em conta que necessita relativamente de tão pouco.

Salve-se o Paranoá, enquanto há tempo.

CORREIO BRASILIENSE